

SEÇÃO ARTIGOS

Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente

An Analysis of the Experience at Newton Braga State School: narratives of everyday life as a teacher

Un Análisis de la Experiencia en la Escuela Estatal Newton Braga: relatos de la vida cotidiana de un docente

DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v10i23.61022>

 [Emilly Domingos da Silva](#)¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),
Rio Grande do Norte, Brasil
e-mail: emillydoomingos@gmail.com

 [Gabriella Cristina Araújo de Lima](#)²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),
Rio Grande do Norte, Brasil
e-mail: gabriella.lima.078@ufrn.edu.br

Resumo

O estágio supervisionado III é o período de descobertas para os futuros professores, que passam a ter acesso a um novo lugar, a escola, criando laços e conexões que reestruturam sua forma de ver a docência e os alunos. Nesse sentido, elencou-se a Escola Estadual Newton Braga de Farias como lócus de experimentação ensaísta sobre o cotidiano docente no ano de 2023, entre os meses de novembro e outubro. Assim, objetivamos compreender o que os alunos entendem como o seu lugar no mundo, partindo de experiências e vivências cotidianas que serão expressas na cotidianidade, para isso utilizou-se como aporte Fernandez (2007), Cavalcante (2016) e Abramovay (2003). Nesse sentido, a etnografia como aporte metodológico, acessada por meio das narrativas dos relatos de experiências dos estagiários demonstrou-se como uma potente forma de amplificar e acessar as afetações que ocorrem no chão da escola, pelo prisma subjetivo do docente. Os resultados obtidos incluem relatos detalhados das experiências vivenciadas no cotidiano escolar, que evidenciam a forma como os estagiários e os alunos interagem e se influenciam mutuamente. Esses relatos destacam a riqueza das experiências diárias e oferecem uma visão sobre a dinâmica escolar e o impacto das práticas pedagógicas no desenvolvimento dos alunos.

Palavras-chave

Estágio; Ensino de Geografia; Etnografia; Ensaio etnográfico

¹ Doutoranda, mestra e bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem experiência como pesquisadora, tendo ênfase na área de Geografia Humana. Possui interesse e atuação principalmente em temas como violência, medo do crime, cotidiano, cidade, poesia e arte.

² Doutoranda, mestre, licenciada e bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui interesse em pesquisas e trabalhos nas áreas de geografia física, educação ambiental, ensino e metodologia da geografia, cartografia e ambientes semiáridos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.

Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

Supervised Internship III is a period of discovery for future teachers, who gain access to a new environment, the school, and create bonds and connections that reshape their views on teaching and students. In this sense, the Newton Braga de Farias State School was chosen as the locus for an ethnographic experiment on daily teaching practices in 2023, between November and October. The objective was to understand how students perceive their place in the world, based on their everyday experiences and lives, which will be expressed in their daily routines. For this, we used the work of Fernandez (2007), Cavalcante (2016), and Abramovay (2003) as theoretical support. Ethnography, as a methodological approach accessed through the narratives of the interns' experience reports, proved to be a powerful means of amplifying and accessing the affective aspects occurring within the school environment from the subjective perspective of the teacher. The results include detailed accounts of experiences lived in the school routine, which highlight how interns and students interact and influence each other. These accounts underscore the richness of daily experiences and provide insight into the school dynamics and the impact of pedagogical practices on student development.

Keywords

Internship; Geography teaching; Ethnography; Ethnographic essay

Resumen

La Práctica Supervisada III es un período de descubrimiento para los futuros profesores, quienes acceden a un nuevo entorno, la escuela, estableciendo lazos y conexiones que reformulan su visión sobre la enseñanza y los alumnos. En este sentido, se eligió la Escuela Estatal Newton Braga de Farias como el lugar para una experimentación etnográfica sobre las prácticas docentes diarias en el año 2023, entre los meses de noviembre y octubre. El objetivo fue comprender cómo los alumnos perciben su lugar en el mundo, a partir de sus experiencias y vivencias cotidianas, las cuales se expresarán en su rutina diaria. Para ello, se utilizaron los aportes de Fernandez (2007), Cavalcante (2016) y Abramovay (2003). La etnografía, como enfoque metodológico, accesada a través de las narrativas de los informes de experiencia de los pasantes, demostró ser una herramienta poderosa para amplificar y acceder a los aspectos afectivos que ocurren en el entorno escolar desde la perspectiva subjetiva del docente. Los resultados obtenidos incluyen relatos detallados de las experiencias vividas en la rutina escolar, que evidencian cómo los pasantes y los alumnos interactúan e influyen mutuamente. Estos relatos destacan la riqueza de las experiencias diarias y ofrecen una visión sobre la dinámica escolar y el impacto de las prácticas pedagógicas en el desarrollo de los alumnos.

Palabras clave

Prácticas; Enseñanza de la Geografía; Etnografía; Ensayo etnográfico

Introdução

O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação acadêmica e profissional de estudantes em diversas áreas do conhecimento. Trata-se de um período no qual os alunos têm a oportunidade de desenvolver na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, sob a orientação e supervisão do professor titular. Essa experiência desempenha um papel crucial na transição entre o ambiente acadêmico e o mercado de trabalho, proporcionando aos estudantes a oportunidade de vivenciar situações reais e enfrentar desafios que corroboram com o aprimoramento de habilidades específicas relacionadas à sua área de estudo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.

Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

As experiências vivenciadas durante o período de estágio o constituem como parte essencial da transmutação de aprendizes-estudantes, quando estes se preparam para assumir um papel mais ativo, como docentes-professores, na busca pela compreensão dos saberes socioculturais e do comportamento dos sujeitos através da imersão em contextos escolares.

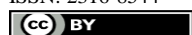
Adotamos, assim, o ensaio etnográfico como metodologia, através do qual, por meio de narrativas, foi possível ampliar horizontes, permitindo que os sujeitos e suas subjetividades ganhem forma, dinamizados pelas práticas sociais e culturais. Essa abordagem viabiliza a busca de cada indivíduo por “seu” lugar no mundo, possibilitando uma análise aprofundada das experiências, identidades e conexões das pessoas com o espaço que habitam. Isso revela sons, cheiros, tonalidades e vivências singulares, resultantes das subjetividades daqueles que vivem, afetam e são afetados pelo ambiente.

Utilizando a etnografia como ferramenta para desvelar o “meu lugar no mundo”, conforme fundamentado por Abramovay *et al.* (2007), Fernandez (2013) e Cavalcanti (2016), podemos direcionar o olhar dos alunos para a escola e seu entorno como um campo de imanência. Partindo de múltiplos contextos vividos e experienciados, esses olhares colidem, interagem entre si e rompem o fio da linearidade cotidiana.

Assim, tomamos como objeto de estudo a Escola Estadual Almirante Newton Braga, localizada no bairro do Alecrim, na Zona Administrativa Leste de Natal – RN, como ilustrado na Figura 1. Atualmente, a escola oferece o ensino fundamental para os anos iniciais do 1º ao 5º ano, e os anos finais do 6º ao 9º ano, contando com 434 alunos matriculados e 25 professores, segundo o Censo Escolar 2022 realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Vale ressaltar que as atividades de estágio foram desenvolvidas com alunos do 8º ano, os quais se encontravam sem aula de Geografia desde o início do ano de 2023.

Buscamos, assim, abrir uma porta para a compreensão da dinâmica cotidiana que é tecida na Escola Newton Braga, e como essa é imbricada ao lugar do sujeito. Portanto, questionamo-nos como as transsubjetividades afetam o viver no ambiente escolar dos alunos. Logo, apresentamos como objetivo compreender o que os alunos entendem como o seu lugar no mundo e, visando coser as arestas da etnografia escolar com a percepção dos estagiários, efetuamos uma narrativa sobre as afetações na/sobre a Escola Newton Braga.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.
Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.
ISSN: 2316-8544



Ensaio de Geografia

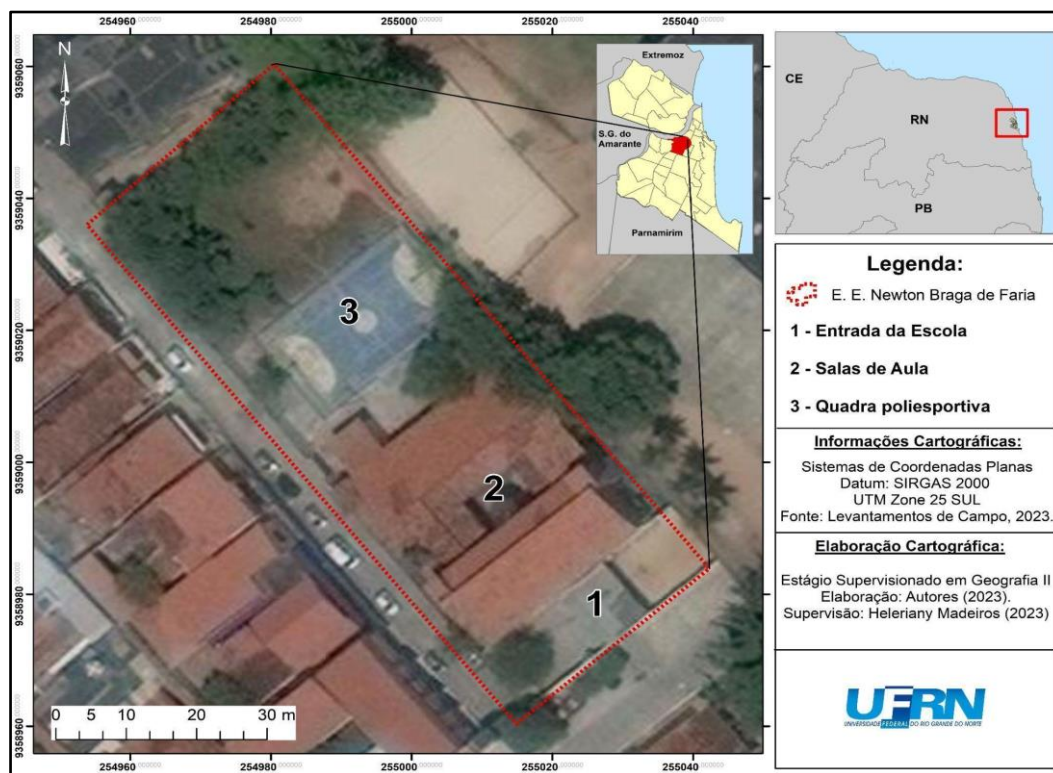
Essays of Geography | POSGEO-UFF

Dessa forma, nas seções subsequentes, é possibilitado o encontro com experiências que retratam o cotidiano escolar a partir da visão de estagiários, onde encontram o rompimento para com a teoria vista em sala de aula. O texto encontra-se disposto em uma epopeia escolar, na qual apresenta a realidade da escola que se configurou como lócus da aplicabilidade etnográfica, esta, sendo constituída enquanto metodologia. Por fim, abordam-se situações cotidianas vivenciadas que trouxeram consigo uma carga de pensamentos, experiências e emoções compartilhadas entre a vida discente e a prática docente.

Uma epopeia escolar - pelos caminhos do chão da escola

Estamos na rua Brasília, caminho que leva até a Escola Newton Braga de Farias. Essa é uma rua estreita repleta de carros, casas e pessoas (Figura 1).

Figura 1 – Localização da escola Newton Braga



Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Ao deslocar o olhar ao chão, observamos rochas de paralelepípedos em tons cinzentos que se interligam de modo intercambiante, desencontrando-se e encontrando-se, formando

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
 SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.
 Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.
 ISSN: 2316-8544

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

linhas, desenhos e texturas que instigam, desvelam e imprimem as tatuagens do cotidiano, que são narradas por essas marcas. Seria esse um prelúdio do que está por vir nessa escola? Não sabemos, mas seguimos esses grafismos que levam ao final da rua, onde um pequeno portão azul demarca o início da Vila Militar, em cuja área de jurisdição a escola está inserida.

Ao transpor esse portão, simbolicamente adentramos em um território desconhecido que vai sendo desvelado de acordo com nossas vivências no Newton Braga. O primeiro elemento desse novo mundo que salta aos olhos é uma guarita localizada à direita do portão azul, onde um militar está em seu posto “guardando” e controlando quem entra e sai. Logo, um trunfo de poder é exposto de modo a impor sua presença que, com a convivialidade, passa a ser ignorada, ou ao menos normalizada. Entretanto, o controle está sempre presente.

O espaço toma uma nova configuração, invadido por sons de risos, gritos e vozes que conversam animadamente e constroem uma paisagem pautada na efemeridade temporal que se espraia pelo Newton Braga. Essa dinâmica é dada em frente à escola, pelos alunos, que esperam o soar do sinal para entrar em suas dependências para assistir às primeiras aulas. Ao adentrar na escola, um vigia encontra-se controlando a entrada, no primeiro portão. Ao direcionar o olhar a frente, observamos mais dois portões em tons de azul descascado. Essa configuração evoca uma sutil sensação de enclausuramento, onde a luz que atravessa o ambiente parece densa e rarefeita, reforçando a percepção de confinamento e sugerindo a presença de uma estrutura de sociedade disciplinar, como explorado por Foucault (1987). Ao adentrarmos esse primeiro espaço e superarmos essa impressão inicial, nos deparamos com o retrato do patrono da escola, o Almirante Newton Braga.

Observamos um pátio que dá acesso às salas de aulas e ao segundo andar da escola. Os alunos passam apressadamente ao encontro de seus colegas para adentrar nas salas, pois já são 13 horas e a aula já vai iniciar. A aula começa, o professor escreve na lousa branca um conteúdo, enquanto alguns alunos conversam e brincam no fundo da sala. O tempo corre, três aulas se passam e é hora do intervalo. Correria e dispersão, um som singular toma conta do espaço, a quietude e o silêncio se transformam em barulho, gritarias e risadas, tipicamente inseridos no contexto dos jovens.

Os alunos fazem fila na cantina para pegar seus lanches, a quadra é ocupada pelos jovens que jogam bola, vôlei ou simplesmente conversam embaixo da sombra de uma árvore. Nos

deslocamos até a sala dos professores, que é ocupada pela diversidade de sujeitos que lecionam na escola. Tomamos o ambiente como hostil, não somos pertencentes àquele lugar, os olhares transpassados e os comentários sobre também querer um estagiário para dar aula por eles nos repele daquele espaço. Sentimo-nos como corpos vagantes, não pertencemos aos grupos dos alunos e tampouco ao grupo dos professores. O que somos?

O intervalo acaba, as duas últimas aulas de Geografia iniciam-se, os alunos são arredios e apresentam um afastamento inicial. Porém, ao quebrar tal barreira, a aula flui e a participação se torna latente. O tempo corre — não seguindo uma linearidade — e já é o fim da aula, os alunos saem em marcha buscando chegar o mais rápido possível na parada para pegar o próximo ônibus, com destino à casa, e assim termina mais um dia na escola Almirante Newton Braga.

Diante dos relatos tecidos acima, optou-se por efetuar tal narrativa, visando embeber o leitor de um cotidiano que é experienciado e vivenciado no chão da escola. Portanto, a narração efetuada neste contexto exige ser *estrangeiro em terras conhecidas*. Dessa perspectiva, essa narrativa torna-se uma estratégia de método, exercício ou uma “faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 2013, p. 198), tornando assim a geografia uma narrativa do que é vivido e experienciado na escola Almirante Newton Braga.

Metodologia

Como estratégia metodológica, utilizou-se o ensaio etnográfico como verticalização do ensino-aprendizagem, abrindo caminhos heterogêneos, propondo um exercício de “estranhamento” ao colocar-se no lugar do outro, segundo Fernandez (2013). Nesse sentido, o contato factual do corpo com o lugar estabelece uma ligação única, que afeta e é afetado, sendo esse processo uma ação conectiva da descrição etnográfica, corroborando com a sistematização das vivências e afetações que marcam o cotidiano do professor.

Nesse contexto, Abramovay, Andrade e Esteves (2007) abordam a necessidade de retomar um olhar aguçado perante as realidades vividas e experienciadas pelos jovens em contexto escolar através dos relatos em sequência, utilizados como aparato metodológico. Desse modo, foi organizado o Quadro 1, visando sistematizar o passo a passo para a construção deste relato etnográfico, buscando acessar o protagonismo dos discentes em seu próprio cenário.

Quadro 1 – Composição metodológica.

Escola	Cidade	UF	Período de aplicação	Objetivo
Escola Estadual Newton Braga de Farias	Natal	RN	18 de outubro a 16 de novembro	Compreender a dinâmica vivenciada e experienciada no chão da escola
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: TEÓRICO				
FASE 1	Definição da escola e sistematização burocrática da documentação do estágio.			
FASE 2	Planejamento: Na segunda fase efetuou-se um planejamento geral levando em conta o conteúdo programático do livro didático.			
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: PRÁXIS INTERVENÇÕES NA ESCOLA				
FASE 3	<p>Reconhecimento do objeto: Ida à Escola Newton Braga e reunião com a equipe pedagógica, tendo em vista que na sala de aula a qual foi desenvolvido o estágio havia crianças com necessidades específicas;</p> <p>Aulas: 11 aulas foram ministradas, com a temáticas: Continente Americano (aspectos físicos, sociais, culturais); Meu Lugar no mundo;</p> <p>Projeto Pedagógico: Construção de um Projeto Pedagógico que tem como Objeto Didático o cordel, onde os poemas foram escritos e declamados pelos alunos a partir de sua experiência com o lugar.</p>			
FASE 4	Sistematização de ideias: Foi efetuado a redação do material obtido em lócus escolar que culminou neste relato de estágio, vale ressaltar que o relato leva em conta a etnografia dando ênfase ao vivido e experienciado na escola pelos estagiários.			

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Uma aproximação afetiva - por entre as frestas cotidianas da escola

Afetos são uma polifonia que age operando entre o consonante e/ou dissonante, com tons, cores e sonoridades que sublinham a identidade como o acorde de uma sinfonia ou a vibração de uma pintura, que cria blocos de percepções e afecções numa composição singular de sensações e possibilidades, segundo Deleuze e Guattari (2016). Nesse sentido, as sensações podem:

[...] conservar-se, sem um material capaz de durar, e, por mais curto que seja o tempo, este tempo é considerado como uma duração; vemos como o plano material sobe irresistivelmente e invade o plano da composição das sensações mesmas, até fazer parte dela ou ser dela indiscernível. [...] E, todavia, a sensação não é idêntica ao material, ao menos de direito. O que se conserva, de direito, não é o material, que constitui somente a condição (enquanto a tela, a cor, ou a pedra não vira pó), o que se conserva em si é a percepção ou o afecto. Mesmo se o material só durasse alguns

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.

Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

segundos, daria a sensação o poder de existir e de se conservar em si, na eternidade que coexiste como está curta duração (Deleuze; Guattari, 2016, p. 197).

Logo, utilizaremos o corpo e a mente como receptor e catalisador dos afetos e experiências. Esta é a formulação de encontros factuais que transcendem e potencializam o entrelace das subjetividades cotidianas que se amplificam e transbordam nos/os sujeitos, afetando-os. As emoções são guiadas pelo corpo, imbricam-se equilibrando o sentir e o agir dos sujeitos. Para Deleuze e Guattari (2016, p. 200).

Os afetos são precisamente estes devires não humanos, como os perceptos (entre eles a cidade) são paisagens não humanas da natureza. Há um minuto do mundo que passa, nós nos tornamos, contemplando-o. Tudo é visão, devir. Tornamo-nos universo. Devires animal, vegetal, molecular, devir zero.

Muitos questionamentos são levantados, mas como fazer um momento do mundo durável ou fazê-lo existir? Em específico, no contexto escolar que está em constante ebulição e afetação. Segundo Fernandez (2013, p. 152), “o estranhamento gerado poderá se constituir em um caminho de diálogo e troca de ideias”, pois os afetos são um modo de explorar e esgarçar as subjetividades. Nesse sentido:

[...] os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, percepções e afectos, são seres que valem por si mesmo e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de percepções e de afectos (Deleuze e Guattari, 2016, p. 194).

Destarte, os afetos escolhidos para criação de narrativas escolares de estágio são assemelhados a grafias, artes “é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si” (Deleuze e Guattari, 2016, p. 194). Um instante no espaço/tempo que deixa impressões crivada no âmago do ser, essas fissuras, marcas e grafias a qual desejamos acessar através das narrativas cotidianas, que ocorreram no chão da Escola Newton Braga, demonstrando o lado prosaico e poético que re-cria o lugar, demonstrando sua potencialidade, fragilidades, rupturas e continuidades em sua mais límpida forma.

Inspirado neste estrangeiro que retorna à sala de aula temos construído no Estágio Supervisionado (e nas Práticas de Ensino) um caminho que se esboça a partir de uma questão de “ponto de partida” [...] desde falas que indicam uma afeição a este saber mobilizado a partir das memórias de um(a) professor(a) “que os marcou” por ter um olhar e fala crítica, pelo engajamento ou por lhes apresentar temas “importantes” (Fernandez, 2019, p. 153).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.

Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

No ensaio etnográfico que se sucede, buscamos esgarçar as vivências cotidianas de um discente no ensino básico. Para tal, utilizamos das narrativas, memórias e afetações que marcam e transcendem a sala de aula em uma construção não linear, rizomática, uma trajetória que significa “abertura para o desconhecido” (Fernandez, 2013, p. 154), evidenciando de forma horizontal o acesso aos sujeitos (alunos e professores) e suas afetações, causas e efeitos, desvelando ações, estranhamentos, improvisos, surpresas e aproximações que ocorrem em *lócus*, evidenciando os conflitos e as contradições do espaço escolar.

Esperançar - o germinar de uma semente: A escola da farda azul

Nomearemos de modo fictício a aluna que foi protagonista dessa narrativa como Lua, de modo a proteger sua identidade. Vale ressaltar que Lua tem uma deficiência intelectual acentuada, apresentando comportamentos cognitivos infantilizados que não condizem com sua idade.

Era uma tarde quente e Lua, ao olhar a atividade adaptada, um mapa das Américas onde era pedido para indicar a América do Norte, Sul e Central. A seguinte sentença foi proferida:

- Professora, tinha como passar atividade assim para minha idade, de 17 anos?

Fui invadida por curiosidade e perguntei o porquê de aquela atividade não ser para a idade dela. Ela não respondeu. Então pedi para indicar no mapa a América do Norte, Lua apontou para o Chile e disse que ali era Natal. Expliquei a real disposição espacial de Natal, e dos continentes, a instruindo sobre como responder à atividade. Ao refletir sobre a situação, lembrei de um fato ao qual presenciei posteriormente, em que a coordenadora pedagógica da escola imprimiu uma figura da Tinker Bell e deu para Lua pintar e não “atrapalhar” o desenvolvimento da aula. Logo, quando ela viu o mapa, achou que era para colorir sem uma finalidade, o que não seria uma atividade adequada para uma pessoa com 17 anos.

A aula continua, a classe tem o total de 27 alunos e não há um professor auxiliar para acompanhar Lua, que requer maior atenção. Desdobramo-nos para tentar sanar as dúvidas de todos. Ao continuar a atividade, fica claro que Lua não sabe ler, sendo necessário ditar as letras para que ela escreva as respostas. Seguimos até chegar à última questão, a qual propunha que os alunos elaborem um texto que será utilizado em um cordel, atividade proposta como produto

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.

Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

pedagógico do Estágio III. Questiono: “Qual narrativa você quer fazer? Sobre a cidade, o bairro, a escola, seu caminho para chegar aqui [...]?”

- Quero fazer sobre a escola da farda azul!

Inicialmente, ficamos sem entender o que ela estava falando. Por quê? Que escola era essa? A aluna já tinha estado lá? Lua continua a dizer:

- É a escola ali perto da praça, ela tem a farda azul. É Ary.

Indagamos: “É a escola Ary Parreira?” Prontamente ela responde que sim, que nunca foi lá, mas que quer fazer o texto do cordel sobre isso. Surgem mais dúvidas sobre a relação da aluna com aquela outra escola: o que a leva a desejar efetuar uma narrativa sobre um lugar em que nunca esteve antes? Qual a sua ligação com aquele lugar? Quando Lua afirma:

- Eu quero dar uma palestra lá [...] eu vou falar para todos e eles vão me escutar.

Imediatamente, somos bombardeados por um misto de sensações, que inicialmente nasce da surpresa, a voz embarga e o ar que passa pelos pulmões torna-se mais denso e queima as narinas. A Lua só deseja falar e ser ouvida, não importa a temática da palestra, ela quer que as pessoas a escutem, ela almeja ser ouvida e entendida. Lua questiona se o título de sua narrativa pode ser “a escola da farda azul”. Prontamente respondemos que sim, e rascunhamos em um pedaço de papel o que ela falou, para que Lua possa transcrever e responder à última questão da atividade. O tempo passa e, logo, realizamos a correção da atividade de forma coletiva e fazemos a chamada. Após mencionar o último nome da lista, Lua se levanta e vem à frente da sala, segurando uma pequena folha, uma cópia de sua identidade. Ela diz que seu rosto está azul, mas que a usa para vir à escola. Iniciamos o seguinte diálogo:

Professora: Qual ônibus você pega?

Lua: Eu pego o Santa Rita!

Professora: Você mora em Santa Rita?

Lua: Moro sim.

Professora: Quanto tempo para ir e voltar de ônibus todo dia? Mais de uma hora?

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Lua: Mais de duas horas. Eu vou e venho com meu irmão, senhora não sabia não? Ele é meu irmão (Apontando para o Sol que se senta na primeira fileira próxima à carteira do professor).

Professora: Eu não sabia não (olho para o lado e Sol sorri meio sem jeito). Por que você não estuda lá em Santa Rita?

Lua: Porque lá tem que pagar e minha família não tem esse dinheiro não. E aqui também é melhor. [sic]

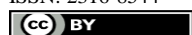
Lua não fala mais nada, se vira e vai embora se sentar em sua cadeira. Naquele momento, sentimos sobre os ombros o peso do mundo, o peso de ser educador! Acreditamos que um vínculo com Lua foi criado, pelo simples fato de “vê-la” como uma estudante que precisa de orientação, e não como um fardo. Ao mesmo tempo, questiono-me: que educação é essa que estamos oferecendo nas escolas? Por que Lua não sabe ler, mesmo vindo todos os dias à escola? Quem é responsável por isso? Somos arrancadas de devaneios próprios, Lua está mais uma vez à minha frente com uma revista de cosmético nas mãos, e pede o piloto emprestado para escrever algo. Tentamos entender o que Lua quer fazer, mas desejamos observar onde aquela situação iria desaguar. Entrego-lhe o lápis, ela se dirige ao quadro e escreve a primeira palavra da revista, “HOMEM”, e vem entregar o piloto. Tal ação lembrou-me a mim mesma, minutos antes, ao segurar um papel em mãos e escrever o conteúdo no quadro... seria o desejo de Lua se tornar professora? Seriam essas as palestras às quais ela se referia?

Muitas questões sem respostas fervilham na mente, o sinal toca e me despeço dos alunos. Saímos da escola em direção à parada de ônibus, com a certeza de que uma semente foi plantada, que Lua é essa semente, o esperar, como verbo de potência e transformação, como proposto por Paulo Freire, brota de situações como essa, onde a luz cria-se do inesperado.

No início tudo era caos: o conflito em sala de aula

O conteúdo da aula acontecia se desenvolvia de forma aparentemente normal, a sala que se encontrava dividida nos territórios dos meninos do lado esquerdo e meninas do lado direito estava pacífica, a não ser por um detalhe: ao realizar atividades em dupla, há um burburinho e risadas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.
Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Ao me perguntar o que estava acontecendo, fomos surpreendidos por Sol, que exclamou de forma angustiada:

- Aluno Sol: Professora, os meninos aqui pintaram meu cabelo de corretivo!!!

Naquele momento, precisamos de um segundo, um momento para respirar fundo, para que de forma impessoal, pudéssemos compreender do que se tratava a situação em sua completude, não apenas aquele momento pontual, questionando a turma como um todo, com ênfase nos envolvidos:

- Professora: Pessoal, o que está acontecendo? Vocês acham que isso é legal?

E assim eles responderam:

- Alunos: Professora, a gente só descontou nele porque ele ficou mexendo com a gente, falando coisas que a gente não gosta!

Nesse instante, percebemos que a situação conflituosa era advinda de estímulos negativos recíprocos entre o próprio grupo de trabalho e que expressa a forma pela qual se relacionam no cotidiano vivido diariamente. Assim, agimos de modo rápido, informando-os:

- Professora: No final da aula, por favor, peço que os três envolvidos não saiam, o diretor Céu irá conversar com vocês. [sic]

Percebemos um cenário de preocupação por parte deles. Assim, inquietações surgem, como: Seria o medo de falar com o diretor? Como será que o diretor irá abordar o problema? Ao mesmo tempo que pairavam as preocupações subjetivas, temos consciência de que aquela problemática, abordada pelo diretor no final da aula, estava além do controle de estagiárias.

Entre inquietações e conflitos, temos a certeza de que o incidente na sala de aula revela a dinâmica complexa e desafiadora que permeia as relações interpessoais entre os alunos. A divisão aparentemente inofensiva entre meninos e meninas não foi suficiente para evitar conflitos, evidenciando a existência de tensões coexistentes que culminaram nesse evento.

O racismo estuda ao lado - um relato em contexto escolar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.

Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O dia 16 de novembro de 2023 foi um dia ensolarado, nosso último dia ministrando aulas para o 8º ano. Por volta das 13 horas, o soar do sinal invade o espaço, lembrando que é hora de sair da sala dos professores e se dirigir até a sala de aula. Ao sairmos no pátio, nos deparamos com os alunos em frente à sala conversando e aguardando nossa chegada. Fomos recebidos com sorrisos e questionamentos sobre a aula. Neste dia, foi planejada a apresentação e sistematização do objeto didático — cordel — produzido pela turma, seguido por uma dinâmica de finalização e encerramento de atividades.

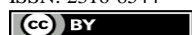
Inicialmente foi feita uma roda, para que pudéssemos declamar os poemas elaborados pelos alunos. A dinâmica inicia-se, os alunos estavam tímidos, porém logo a excitação com a atividade invade o lugar, comentários, risadas, tentativas de descobrir os homônimos que produziram os poemas, e com esta integração da turma a leitura termina e o segundo momento da aula se inicia. Como era o último dia de estágio, optamos por encerrar as atividades de forma lúdica, e para tal efetuamos uma mímica geográfica, tendo como tema os bairros de Natal-RN. Esta dinâmica visava acionar o lugar e sua promoção de afetações nos alunos, pois, diante do bairro sorteado, os alunos buscavam características, serviço e usos específicos do lugar.

A atividade correu bem, vários bairros foram sorteados e representados pelos alunos, muita animação e empolgação com a dinâmica, que imprimiu um ritmo único na sala de aula. Entretanto, quando o bairro de Ponta Negra foi sorteado, algo inesperado ocorreu. O aluno que efetuava a mímica repetia movimentos verticais com os braços e apontava para um colega que estava sentado à sua frente. O tempo acabou e ninguém conseguiu decifrar o bairro algoz da interpretação do aluno, nem mesmo os estagiários que acompanhavam a cena de fato compreenderam. Inconformados com a tentativa falha os alunos questionam:

- Aluna Estrela: Que bairro é esse? nunca vi ficar fazendo assim (aluna imitava expressão corporal do colega)
- Aluno Cometa: Era Ponta Negra! A ponta (movimento com braço) e negra (apontando para um colega, único preto retinto da sala) [sic]

A risada e algazarra toma conta da sala, ficamos paralisados com o primeiro impacto daquela informação. Ao olhar o rosto do aluno alvo de racismo, a angústia, dor e constrangimento eram nítidos em sua expressão. Rapidamente intervimos e pedimos para eles se calarem:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102318, 2024.
Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.
ISSN: 2316-8544



- Professora I: Vocês sabem que esse tipo de comportamento não é legal né?
- Professora II: Isso é racismo! [sic]

O silêncio toma conta... nitidamente todos tomam consciência do acontecido. O aluno que iniciou todo esse quadro se levanta, vai em direção ao colega e pede desculpas, que aparentemente são aceitas. Sem adentrarmos maiores discussões para tentar apaziguar o conflito, os próprios alunos pedem para continuar a dinâmica, e assim fazemos. Esse relato se faz necessário como uma forma de gritar e rasgar o véu da aceitação e conformismo sobre o racismo sistemático que ocorre no seio da sociedade brasileira. É difícil admitir, mas somos racistas.

Vivemos no país que, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública – 2023, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil em 2021, 78 eram negras. Na última década, 408.608 pessoas negras foram assassinadas no Brasil, e da totalização dos homicídios, 72% foram de negros. Nesse cenário, a sensação de medo e violência é gritante: cerca de 85,3% das pessoas negras tem medo de morrer assassinadas, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública – 2023. Nesse sentido, “o preconceito racial contra o negro é violento e, ao mesmo tempo, sutil” (Nascimento, 2021, p. 35), passando a agir nas entrelinhas da vida do sujeito, o afetando de um modo que esses atos crivados pelo racismo estrutural são tidos como “normais”.

Essa situação em sala de aula foi somente um relato do cotidiano daquele aluno, que consequentemente passa por experiências como aquela rotineiramente. Seria necessário efetuar uma intervenção sobre racismo estrutural e como esse afeta o cotidiano do negro no Brasil. Entretanto, tal retomada naquele momento não seria pertinente, e causaria mais constrangimento para a vítima de racismo.

Considerações Finais

O estágio supervisionado na Escola Estadual Newton Braga de Farias revelou-se um período de descobertas e afetações significativas para nós enquanto futuros professores. Ao entrar em um novo ambiente educacional, é possível estar em frente à oportunidade de experimentar a prática docente, mas também de criar laços e conexões que reestruturam percepções sobre a docência e os alunos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.
Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.
ISSN: 2316-8544



Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Este estágio não apenas enriqueceu a formação dos futuros educadores ao proporcionar experiências práticas e contextualizadas, mas também fortalece a compreensão teórica adquirida em sala de aula. Ao vivenciarmos a dinâmica do ambiente escolar, desenvolvem-se habilidades essenciais, como a gestão de sala de aula, a adaptação de conteúdos e a interação direcionada e afetiva com os alunos. Assim, o estágio supervisionado emerge como um componente vital na formação docente, promovendo a integração entre teoria e prática e preparando os educadores para os desafios reais do ensino.

A escolha da Escola Estadual Newton Braga de Farias como locus de experimentação mostrou-se um campo experimental repleto de experiências, permitindo um mergulho profundo no cotidiano docente e nas afetações que emergem desse contexto específico. O processo de ensino e pesquisa buscou compreender como os alunos concebem o seu lugar no mundo, explorando suas experiências e vivências cotidianas que são expressas no ambiente escolar.

A abordagem etnográfica, a partir das narrativas que serviram como instrumento de investigação, revelou-se uma ferramenta poderosa. Essa abordagem permitiu ampliar e acessar as afetações que ocorrem no chão da escola, destacando a importância da perspectiva subjetiva dos docentes. Através dessa lente, foi possível capturar nuances e compreender os impactos pessoais e emocionais da prática pedagógica.

As ações apontam para a relevância de considerar não apenas os aspectos objetivos do ensino, mas também as dimensões subjetivas que permeiam a experiência docente. A compreensão do lugar no mundo pelos alunos, sobretudo através de suas interações e percepções cotidianas, destaca a importância de promover uma educação que dialogue com as realidades vividas pelos estudantes.

Dessa forma, o estágio supervisionado na Escola Estadual Newton Braga de Farias não apenas proporcionou aos estagiários uma prática na docência, mas também contribuiu para uma compreensão mais profunda da complexidade e da riqueza das relações no ambiente escolar. As experiências vivenciadas e a forma como foram apresentadas forneceram excelentes contribuições para o aprimoramento da prática pedagógica e o desenvolvimento de uma perspectiva mais sensível e contextualizada em relação ao ensino e aprendizagem.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E.; ESTEVES, L. C. (Orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Unesco, 2007. 342 p.

BARREIRO, M.; CARVALHO, A.; FURLAN, M. A arte e o afeto na inclusão escolar: potência e o pensamento não representativo. **Child.philo** [online]. 2018, vol.14, n.30, p. 517-534. ISSN 1984-5987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única** / infância berlinense: 1900. Edição e Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Filô/Benjamin).

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia Escolar e a Cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana e cotidiana. 1. ed.: Papirus. 2016. Cap. 2. p. 39-62.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2016.

FERNANDEZ, P. S. M. Olhares sobre o Estágio de Geografia e alguns estranhamentos que podem guiar o futuro professor “de volta” à escola. *In*: VALLERIUS, D. M; MOTA, H. G; SANTOS, L. A. (Orgs.). **O Estágio Supervisionado e o professor de Geografia**: múltiplos olhares. João Pessoa: Mídia, 2013. p. 151-171.

FOCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis, Vozes, 1987.

NASCIMENTO, M. B. Por uma história do homem negro. *In*: NASCIMENTO, M. B. B. N. **Quilombola e Intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. 1º ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2021.

SANFELICE ZEPPINI, P. Alegria e pensamento: repensando nossos afetos com Deleuze, Espinosa e Lacroux. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 30, n. 59, p. 159–188, 2016. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n59a2016-p159a188. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/26354>. Acesso em: 8 dez. 2023.

VASCONCELLOS, C. S; **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 1. Ed. 1996. p. 95-151.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Emilly Domingos da; LIMA, Gabriella Cristina Araújo de. Uma Análise do Vivido na Escola Estadual Newton Braga: narrativas do cotidiano docente. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 23, e102318, 2024.

Submissão em: 16/02/2024. Aceito em: 16/09/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons